

INSTITUTO MÃOS DE OURO: o ensino de Libras para crianças surdas e ouvintes em Breves – Pará

Fabrizio Martins Balieiro¹
Carina da Silva Mota²

RESUMO

Este artigo apresenta as ações do Instituto Mãos de Ouro em Breves, Pará, voltadas para o ensino da Libras, com o objetivo de reduzir a marginalização de crianças surdas no acesso à educação. Além disso, analisa a importância da cultura e identidade surda na comunidade local, explorando a relação entre a cultura surda e a cultura ouvinte, e contextualiza os direitos das pessoas surdas ao longo do tempo. Essa população enfrentou a negação de direitos e foi historicamente controlada por aristocracias que não reconheciam suas necessidades. A falta de representatividade levou à formação de grupos que lutaram por direitos fundamentais, incluindo a valorização da língua de sinais, essencial para a comunicação e expressão da identidade surda. O estudo, com abordagem qualitativa e bibliográfica inspirada na etnografia, concentrou-se em estudantes surdos do Instituto Mãos de Ouro. A pesquisa utilizou métodos como observação participante, diário de campo e fotografias para coletar dados. Os resultados indicaram que os artefatos culturais dos surdos, como a língua de sinais e as artes visuais, não são adequadamente contemplados na escola analisada. Isso evidencia a necessidade de um olhar mais atento à inclusão e à valorização das expressões culturais surdas no ambiente educacional. O trabalho visa desmistificar paradigmas preconceituosos e promover uma compreensão mais ampla sobre a educação para surdos, ressaltando a importância de uma abordagem que respeite e valorize a cultura e identidade dessa comunidade.

Palavras-chave: Surdez. Cultura Surda. Multiculturalismo. Libras.

INSTITUTO MÃOS DE OURO: Teaching Libras to Deaf and Hearing Children in Breves, Pará.

ABSTRACT

This article presents the actions of the Instituto Mãos de Ouro in Breves, Pará, focused on teaching Libras, with the goal of reducing the marginalization of deaf children in accessing education. Additionally, it analyzes the importance of deaf culture and identity within the local community, exploring the relationship between deaf culture and hearing culture, while contextualizing the rights of deaf individuals over time. This population has faced denial of rights and has historically been controlled by aristocracies that did not recognize their needs. The lack of representation led to the formation of groups that fought for fundamental rights, including the valorization of sign language, which is essential for communication and the expression of deaf identity. The study, with a qualitative and

¹ Mestre em Estudos da Linguagem (UEL, 2022), graduado em Pedagogia (UVA, 2012) e Letras/Libras (UNIASSELVI, 2023). Professor de Libras e tradutor/intérprete em vários contextos desde 2001. Professor de apoio pedagógico na Secretaria Municipal de Educação na cidade de Breves. Grupo de Pesquisa Processos em Educação, Mídias e Cultura Política (GPEMIC), vinculado a Pró-Reitoria de Pesquisa (PROPESP). Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-0058-4946>. E-mail: fabriciotj@hotmail.com.

² Mestre em Educação (UEPA, 2016). Professora da Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA Santarém, PA, Brasil. Membro do grupo de estudo e pesquisa em Educação de Surdos – GEPES/UFOPA. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-0647-0877>. E-mail: prof.calsb@gmail.com.

bibliographic approach inspired by ethnography, focused on deaf students at the Instituto Mãos de Ouro. The research utilized methods such as participant observation, field diaries, and photographs to collect data. The results indicated that the cultural artifacts of deaf individuals, such as sign language and visual arts, are not adequately addressed in the analyzed school. This highlights the need for a more attentive approach to the inclusion and valorization of deaf cultural expressions in the educational environment. The work aims to demystify prejudiced paradigms and promote a broader understanding of education for the deaf, emphasizing the importance of an approach that respects and values the culture and identity of this community.

Keywords: Deafness. Deaf Culture. Multiculturalism. Libras.

INSTITUTO MANOS DE ORO: la enseñanza de la lengua de señas para niños sordos y oyentes en Breves – Pará.

RESUMÉN

Este artículo presenta las acciones del Instituto Manos de Oro en Breves, Pará, enfocadas en la enseñanza de la Lengua de Señas Brasileña (Libras), con el objetivo de reducir la marginación de los niños sordos en el acceso a la educación. Además, analiza la importancia de la cultura e identidad sorda en la comunidad local, explorando la relación entre la cultura sorda y la cultura oyente, y contextualiza los derechos de las personas sordas a lo largo del tiempo. Esta población ha enfrentado la negación de derechos y ha sido históricamente controlada por aristocracias que no reconocían sus necesidades. La falta de representatividad condujo a la formación de grupos que lucharon por derechos fundamentales, incluyendo la valorización de la lengua de señas, esencial para la comunicación y la expresión de la identidad sorda. El estudio, con un enfoque cualitativo y bibliográfico inspirado en la etnografía, se centró en los estudiantes sordos del Instituto Manos de Oro. La investigación utilizó métodos como la observación participante, el diario de campo y fotografías para recopilar datos. Los resultados indicaron que los artefactos culturales de los sordos, como la lengua de señas y las artes visuales, no son adecuadamente contemplados en la escuela analizada. Esto evidencia la necesidad de una mirada más atenta hacia la inclusión y la valorización de las expresiones culturales sordas en el entorno educativo. El trabajo tiene como objetivo desmitificar paradigmas prejuiciosos y promover una comprensión más amplia sobre la educación para sordos, resaltando la importancia de un enfoque que respete y valore la cultura e identidad de esta comunidad.

Palabras clave: Sordera. Cultura Sorda. Multiculturalismo. Libras.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo apresentar e documentar ações desenvolvidas pelo Instituto Mãos de Ouro, na cidade de Breves, no estado do Pará, a partir do ensino da Libras, para amenizar a marginalização de crianças surdas no que tange à aquisição de informações e conhecimentos de assuntos educacionais que são comuns para crianças ouvintes.

Sabe-se da importância de realizar atividades que busquem a valorização da cultura e identidade surda, pois isto contribui para a inclusão social, promovendo melhorias na qualidade de vida dos usuários surdos no Brasil. Por vezes, passa despercebido, mas existe uma cultura surda em um país de ouvinte como o nosso, a definição dessa cultura é uma forma de diferenciar da cultura dos ouvintes, por meio de valores, estilos, atitudes, práticas e principalmente uma língua diferente.

Neste artigo serão definidos os conceitos de cultura e identidade surda bem como a apresentação do processo histórico da comunidade surda com o objetivo de embasar as motivações sociais para a criação de uma associação ligada às lutas dos direitos enquanto cidadãos. Espera-se também que este artigo desperte no leitor a busca pelo conhecimento da comunidade surda, e não apenas desta, mas de outras minorias semelhantemente estereotipadas e traga à luz a importância de apoiar e participar ativamente deste ato de cidadania que é a interação entre todos.

Justificamos a realização deste trabalho pois iremos registrar cientificamente algumas das ações desenvolvidas pelo Instituto de Ouro em prol da comunidade surda do Marajó, e isto, certamente trará melhorias na inclusão social das pessoas surdas, através das divulgações de informações inerentes a valorização da cultura surda.

Se trata de uma revisão de bibliografia, pesquisa documental e de uma pesquisa etnográfica. A base teórica da pesquisa é constituída, principalmente, a partir de Brasil (2005, 2006), Andrade (2013), Stock (2018), Ferreira (2011), entre outros.

Referencial Teórico

Neste momento, iremos dar o suporte teórico para que possamos compreender a temática explanada, com ênfase na valorização da cultura surda.

Conhecendo o Instituto Mãos de Ouro

A Entidade Instituto Mãos de Ouro de CNPJ 45.436.301/0001-09, fundada em 17/02/2022 e com razão social Instituto Mãos de Ouro, está localizada na cidade

Breves do estado Pará. Sua atividade principal, conforme a Receita Federal, é 94.30-8-00 - Atividades de associações de defesa de direitos sociais. Sua situação cadastral até o momento é ativa.

De acordo com a atividade supracitada, compreende as atividades de associações que são criadas para atuar em causas de caráter social, tais como a defesa dos direitos humanos, defesa do meio ambiente, defesa das minorias étnicas, etc.

Descritores da atividade: atividade de operação de centrais de disque denúncia quando realizado por entidades sem fins lucrativos, Associação de proteção de minorias étnicas, Associação, ONG, de grupos minoritários, Associação, ONG, de defesa dos direitos humanos, Associação, ONG, de defesa do meio ambiente, Associação, ONG, de movimentos ecológicos.

Desde de 24 de abril de 2011 o Instituto Mãos de Ouro vem desenvolvendo atividades que visam a divulgação da cultura surda e a difusão da língua de sinais em Breves, Pará. Em 2014, iniciou o trabalho com crianças surdas e ouvintes de 06 a 12 anos, em situação de vulnerabilidade social. Desde então, o trabalho vem sendo desenvolvido de forma voluntaria, sem fins político partidário/religioso.

Algumas considerações sobre cultura e cultura surda

Existem vários conceitos e indagações sobre o que é cultura, não existindo ao certo uma definição específica, visto que a mesma está associada às mais diversas representações do diversificado convívio social. Por muitas vezes, o termo “cultura” é limitadamente atribuído a manifestações artísticas, cerimônias tradicionais, lendas, gastronomia e linguagem como informa (Strobel 2016, Cap. 1, pág. 19, 2º Parágrafo). Mas Santos (1996) afirma em seu livro que a cultura diz respeito a toda a humanidade e ao mesmo tempo a cada povo, nação ou sociedade.

Em suma, cultura é um conjunto complexo de regras, costumes, crenças e particularidades vivenciadas por um grupo de pessoas das mais variadas comunidades, que são passados entre as gerações, concatenando-se em um modelo comum de sociedade. Obviamente o conceito supracitado não é a verdade absoluta do que seria “cultura”, mas apenas um braço desta teoria, pois não seria possível

sintetizar em um só texto todos os estudos e pesquisas produzidos para definir este termo.

Assim como ocorre em diferentes culturas, a cultura surda - formada principalmente em função da língua de sinais em comum - é um padrão de comportamento, compartilhado pelas pessoas surdas, trocando experiências com os seus semelhantes, como valores, crenças, literatura ou eventos sociais, sejam eles formais ou informais, caracterizando um tipo de sociedade. (Perlin, Thomas, Lopes, 2004). Atrelado ao conceito de cultura surda, está uma das mais importantes características que é a experiência visual do surdo, sendo está a porta de entrada do processo de aprendizado e absorção dos hábitos cultivados pelos integrantes desta cultura, muito embora exista outros artefatos culturais como relata Strobel (2016).

A cultura surda busca incessantemente promover adaptações nas diversas instituições culturais com o objetivo de tornar o meio em que vive habitável e acessível de forma que suas necessidades sejam plenamente atendidas.

O objetivo do movimento é rever as forças subjacentes nos estereótipos encontrados nas diversas instituições sociais, bem como, interpretações de surdos ou ouvintes isolados não constantes da cultura surda; questionar as experiências ideológicas de suas experiências, ajudar os surdos a descobrirem interconexões entre a comunidade cultural e o contexto social em geral; em suma, engajar-se na dialética do sujeito surdo. (Skliar, 2011. p.70).

Sobre o conceito de cultura, vamos trabalha-lo um pouco, revendo alguns autores principias. Segundo Roque Laraia, o primeiro conceito antropológico de cultura é de Edward Tylor (1871), que procurou demonstrar que:

a cultura pode ser objeto de um estudo sistemático, pois trata-se de um fenômeno natural que possui causas e regularidades, permitindo um estudo objetivo e uma análise capazes de proporcionar a formulação de leis sobre o processo cultural e a evolução [grifo meu]. (Laraia, 2005)

Assim, neste embate, a cultura dos surdos se recria todos os dias, mas é desconhecida e ignorada, como uma forma de abafar o que é vivido e visto. Como o problema da surdez está localizado num corpo individual, a taxonomia médica é

reproduzida e assegurada, perpetuando interpretações da surdez enquanto a experiência de uma falta ou enquanto uma incapacidade ou deficiência.

Desta forma, a cultura surda refere-se aos códigos próprios dos surdos, suas formas de organização, de solidariedade, de linguagem, de juízos de valor, de arte, etc. Os surdos envolvidos com a cultura surda, autorreferenciam-se como participantes da cultura surda, mesmo não tendo eles características que sejam marcadores de raça ou de nação.

LIBRAS: um artefato essencial para o sujeito surdo

Os surdos utilizam uma língua peculiar, de modalidade gestual-visual que, conforme apontado nos estudos do linguista norte-americano, William Stokoe (1960), contempla todos os requisitos de uma língua natural e, portanto, é relevante que esta seja reconhecida e valorizada como um artefato essencial e indispensável para o povo surdo. Na maioria das vezes, é através da língua de sinais, ou seja, sua língua natural, que o sujeito surdo interage com o meio em que vive, expressando suas ideias, seus costumes, sua identidade e sua cultura, assim como qualquer outro povo, nação ou grupo social. (Gesser, 2009)

Tomando como base as leituras realizadas em Quadros e Karnopp (2004), podemos entender que a língua de sinais, antigamente, não tinha o status de língua, sendo considerada apenas como linguagem, mímica, gestos ou algo parecido. Porém, conforme apontado pela autora, a partir dos estudos de Stokoe, nos anos de 1960, tornou-se possível observar um aumento considerável no entendimento acerca das línguas de modalidade gestual-visual ou conforme o termo visoespacial utilizado pela autora, o que contribuiu, conseqüentemente, para o surgimento de razoável de investigações na área da linguística, não apenas sobre a estrutura, mas também sobre a aquisição, o uso e o funcionamento dessas; (Karnopp, 2004, p. 29).

Coadunando com Gesser (2009), compreendemos que, como língua, a Libras é composta de todos os componentes pertinentes às línguas orais, como gramática, semântica, pragmática, sintaxe e outros elementos, preenchendo, assim, os requisitos científicos para ser considerada instrumento linguístico de poder e força.

Contudo, historicamente, esse instrumento linguístico, a Língua de Sinais, tem sido negado ao sujeito surdo.

Como sabemos, a Libras é reconhecida no Brasil como língua natural da comunidade surda brasileira pela força da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, sendo esta lei regulamentada pelo decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005 que estabelece diretrizes para o seu uso e difusão em todo o território nacional (BRASIL, 2002, 2005). Com isso, compreendemos que a comunidade surda brasileira tem o direito de ter sua língua, a Libras, amplamente difundida e valorizada e, além disso, que esse direito lhe seja garantido e preservado.

Partindo dessa compreensão, podemos entender, com base em Santana (2007), que é essencial para a criança surda ter a língua de sinais como sua língua materna, pois, nas palavras da autora:

Se há um dispositivo de aquisição da linguagem em todos os seres humanos, que deve ser acionado mediante a experiência linguística positiva, então a criança surda brasileira deveria ter acesso à língua brasileira de sinais o quanto antes, para ativá-lo de forma natural. A língua portuguesa não será a língua a acionar naturalmente esse dispositivo devido à falta de audição da criança. Esta até pode adquirir essa língua, mas nunca de forma natural e espontânea, como ocorre com relação à língua brasileira de sinais. (Santana, 2007, p. 98)

Nessa perspectiva, torna-se possível compreender que, quanto mais cedo a criança surda tiver acesso à língua de sinais como primeira língua (L1), aumentará ainda mais as chances de adquiri-la de forma natural, o que contribuirá, conseqüentemente, para o seu desenvolvimento linguístico, cognitivo, social e cultural, além de facilitar a aprendizagem de uma segunda língua (L2).

Com isso, consideramos, portanto, de fundamental relevância que os pais incentivem seus filhos surdos a utilizarem a língua de sinais desde pequenos, para que estes tenham a oportunidade de adquirir a sua língua natural de forma espontânea.

Desse modo, ainda na perspectiva de Quadros (2019), entendemos que a língua de sinais é para os surdos, ou pelo menos deveria ser e que a língua oral é para os ouvintes, ou seja, um artefato essencial tanto na constituição do ser surdo, quanto na interação comunicativa com seus pares e com o meio em que vivem.

Diante disso, é importante que essa língua possa estar acessível às escolas do nosso país, sendo reconhecida e valorizada como a primeira língua (L1) dos alunos surdos.

Assim, acreditamos que uma das formas de promover essa acessibilidade linguística ao aluno surdo é a presença do Intérprete de Libras dentro do ambiente escolar, principalmente, dentro da sala de aula regular.

Relação entre a escola e as culturas: o lugar da cultura surda

Atualmente, se tem discutido bastante sobre a inclusão e a função social da escola, onde está deve estar preparada para receber qualquer tipo de aluno, qualquer tipo de cultura e diversidade, buscando promover um ensino para todos, com inclusão e respeito.

Sobre a função social da escola, está é o um espaço social habitado por estudantes oriundos de origens e níveis socioeconômicos e culturais diferentes, por isso, estes apresentam costumes, religiões e hábitos diversos. Neste sentido, a escola em sua função social, necessita ter um constante olhar para o seu público, primando pelo respeito às diferenças apresentadas por eles, sejam estas linguísticas, identitárias ou culturais. Tais medidas se constituem em uma tentativa de superação dos preconceitos, visando combater atitudes discriminatórias para que os seus educandos se sintam acolhidos em seu contexto.

Outra função social da escola é a conexão de seus saberes com a realidade dos seus alunos, ou seja, com os conhecimentos de mundo destes, preparando-os assim para a vida profissional. De acordo com Freire (1996):

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. (Freire 1996, p. 30)

Assim, o autor demonstra a importância de respeitar os saberes que os educandos trazem de sua realidade para dentro da escola, bem como a relevância

de associar esses saberes com os conteúdos que serão estudados, com a finalidade de tornar o ato de estudar um processo prazeroso e significativo para estes educandos.

Também se sabe que a escola deve ser um ambiente multicultural. O multiculturalismo é um movimento social que se opõe a todas as formas de homogeneização cultural da sociedade. É uma objeção à imposição da cultura dominante sobre uma cultura minoritária, pré-existente (Simplício, 2010). A mesma autora pontua que:

Falar sobre o multiculturalismo é falar sobre o reconhecimento das diferenças que se constroem socialmente nos processos interligados nos diferentes contextos. O multiculturalismo se constitui, também um grande movimento de lutas sociais, de ação cultural de um determinado grupo, que por muitas vezes se sente discriminado ou excluído pelos outros segmentos da sociedade, por conta de suas peculiaridades; ele se expressa, como sucessão no mundo contemporâneo, para que os sujeitos sociais valorizem, expressem suas diferenças, suas culturas específicas, em busca da afirmação cultural (Simplício, 2010, p.3)

Neste sentido, o multiculturalismo prima pelo reconhecimento e pela valorização da diferença, seja ela linguística, identitária ou cultural. Assim, tal concepção ressalta a manifestação e a afirmação de todas as culturas na sociedade.

Na concepção de Silva (1999), o multiculturalismo se constitui em um instrumento de luta importante, visto que ele traz para o âmbito político discussões e questionamentos sobre a diversidade cultural. Antes da existência dessa corrente estas discussões eram restritas às esferas especializadas como a da antropologia.

O autor retrata também que o multiculturalismo se baseia em uma compreensão antropológica da cultura, a qual enfatiza que todas as culturas são epistemológica e antropológicamente equivalentes, ou seja, não há uma hierarquia entre as culturas humanas. De acordo com Silva (1999), “não é possível estabelecer nenhum critério transcendente pelo qual uma determinada cultura possa ser julgada superior a outra”. (Silva, 1999, p. 86).

Nesta perspectiva, as diferenças culturais existentes devem ser respeitadas, a fim de que os sujeitos imersos nelas possam manifestar suas peculiaridades. Não

obstante, as diferenças culturais não devem ser compreendidas fora da relação de poder. Na concepção de Silva (1999):

são as relações de poder que fazem com que a “diferença” adquira um sinal, que o “diferente” seja avaliado negativamente relativamente ao “não-diferente”. Inversamente, se há sinal, se um dos termos da diferença é avaliado positivamente (o “não-diferente”) e o outro, negativamente (o “diferente), é porque há poder. (Silva 1999, p.87)

Assim, a vertente multiculturalista, requer do professor valores e atitudes de cunho pluralista para que proporcione aos seus alunos um ambiente de aprendizagem acolhedor, em que as diferenças culturais não sejam vistas como inferioridades e sim como atributos importantes e indispensáveis para a troca e a aquisição de saberes, experiências e vivências, bem como de aprendizagens sobre a realidade social.

Sabemos que todas as pessoas indistintamente têm direito à educação, portanto, o acesso à escola é um direito de todos. Porém, ao defendermos este direito, temos que levar em consideração as especificidades dos seres que habitam o espaço escolar, a fim de não os homogeneizar. Assim, a efetivação destes direitos não se dá por uma via de mão única, onde a escola e as propostas pedagógicas girem em torno de um paradigma uniformizado. Neste sentido, esse “incluir” que tal proposta prega não deve ser sinônimo de apenas inserção do aluno na rede regular de ensino, e nem da sua socialização nesse espaço, mas sim, deve ser levado em consideração as diferenças linguísticas, sociais, culturais, identitárias, políticas e educacionais desses sujeitos. Neste sentido, Bastos (2011), afirma que:

A inclusão aparece em sua face mais paradoxal. Há uma intenção do sistema de ensino em acolher todas as crianças, e matriculá-las porque se propõe uma educação para todos. Por outro lado, em nome dessa inclusão são criadas as situações mais adversas para alunos e professores. Os alunos são inseridos nas classes comuns, mas a educação de qualidade não é assegurada. (Bastos 2011, p. 193)

No tocante à efetivação da inclusão escolar de alunos surdos, torna-se necessário a adoção de medidas que contemplem as especificidades culturais destes. Estas são representadas pelos artefatos culturais dos surdos, que dentre

eles destacam-se: as artes visuais, a experiência visual e a língua de sinais. Assim, Rosa (2009) afirma que “o surdo é o sujeito pertencente a uma comunidade que dispõe de uma cultura e uma língua, que, por vezes, são negadas e oprimidas pela sociedade. São mais voltadas ao lado patológico que ao lado cultural e identitário do surdo”. (Rosa 2009, p. 32)

Neste sentido, por serem usuários de uma língua diferente da utilizada na escola, os surdos ficam sem comunicação, por isso, não conseguem decifrar os códigos essenciais para uma aprendizagem efetiva. Devido ao fato da escola regular privilegiar o uso da Língua Portuguesa, acaba segregando a LIBRAS. Tais fatores nos remetem a um conceito bastante utilizado por Bourdieu (2014), os excluídos no interior, o qual retrata de modo relevante a realidade dos surdos na escola regular, sendo que estes estão inseridos nesta instituição, porém seguem excluídos, privados da comunicação dentro desta. Segundo Bourdieu (2014), “como sempre, a escola exclui; mas, a partir de agora, exclui de maneira contínua, em todos os níveis do cursus, e mantém em seu seio aqueles que exclui, contentando-se em relegá-los para os ramos mais ou menos desvalorizados”. (Bourdieu, 2014 p. 250)

A exclusão do surdo dentro da escola regular não se dá somente no nível linguístico, mas também no metodológico, pois a metodologia utilizada na escola é de cunho ouvintista, isto é, tem como parâmetro os estudantes ouvintes. Assim, a educação dos surdos segue na perspectiva oral, o que vai de encontro com a língua utilizada por estes, a LIBRAS, que é espaço-visual. De acordo com Rosa (2011), “o que se observa é que a inclusão acontece sem levar em consideração a cultura surda, fazendo com que o aluno surdo tenha como objetivo igualar-se à cultura ouvinte”. (Rosa, 2011, p. 149)

Desta maneira, para que os surdos sejam incluídos na escola, é necessário que estes tenham a sua língua respeitada, a LIBRAS, bem como possam ter acesso às informações fundamentais para sua aprendizagem, por meio de um aporte metodológico condizente com a sua realidade. Assim, faz-se necessário uma proposta educacional sensível à especificidade linguística dos surdos, como por exemplo a educação bilíngue.

Neste sentido, Sá (2005) fala da importância da educação bilíngue na educação dos surdos. Segundo a autora, “promover uma abordagem educacional bilíngue, vai muito mais além da utilização de duas línguas, consiste em dar prioridade à língua de sinais, idioma natural dos surdos, além de dar ênfase à cultura e identidade surda” (Sá, 2005, p. 185).

Com base nisto, defendemos a impossibilidade dos alunos surdos obterem êxito em uma escola onde a surdez é vista como apenas um déficit, a língua de sinais e a cultura surda não são valorizadas. Assim, torna-se necessário uma reformulação da escola regular, através de uma ressignificação de suas práticas pedagógicas, para que possa contemplar as especificidades dos alunos surdos. Tais mudanças se dão mediante a adoção de uma educação bilíngue, bem como de uma pedagogia pautada no ser surdo, ou seja, uma pedagogia surda.

Metodologia

Segundo Pádua (1997), “pesquisa é toda atividade voltada para a solução de problemas [...] É a atividade que vai nos permitir, no âmbito da ciência, elaborar um conhecimento, que nos auxilie na compreensão desta realidade e nos orientes em nossas ações”. (Pádua, 1997, p. 29)

Nesta perspectiva, toda pesquisa tem uma intencionalidade, que é a de produzir conhecimentos e, através destes, buscar a compreensão e a transformação da realidade (Pádua, 1997).

Trata-se de uma revisão de bibliografia acerca da cultura surda e suas influências no ambiente escolar, afim de amenizar a marginalização de crianças surdas no que tange à aquisição de informações e conhecimentos de assuntos educacionais que são comuns para crianças ouvintes.

Para Macedo (1994) a pesquisa bibliográfica “consiste numa espécie de ‘varredura’ do que existe sobre um assunto e o conhecimento dos autores que tratam desse assunto, a fim de que o estudioso não ‘reinvente a roda”’. (Macedo 1994, p. 13) Para Lima e Miotto (2007) “o processo de pesquisa se constitui em uma atividade científica básica que, através da indagação e (re) construção da realidade, alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade” (Lima e Miotto, 2007, p. 39).

Como métodos, também utilizamos a pesquisa etnográfica, que são que buscam conhecer as relações socioculturais dos grupos minoritários, acreditamos que este método contemple às especificidades desta pesquisa, que é constituída pelos sujeitos surdos, sua cultura e a vivência desta no contexto escolar.

Geertz (2008), define a etnografia como:

Uma descrição densa. O que o etnógrafo enfrenta, de fato – a não ser quando (como deve fazer, naturalmente) está seguindo as rotinas mais autorizadas de coletar dados – é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplicitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro aprender e depois apresentar. (Geertz, 2008, p. 7)

Nesta perspectiva, a etnografia é mais que um método de estudo, ela vai além de uma simples descrição de fatos e acontecimentos e se traduz em um trabalho minucioso, constituído em desvendar episódios, situações complexas, os quais exigem do etnógrafo muito estudo, cuidado e atenção com o contexto pesquisado, para que a sua interpretação seja a mais fiel possível.

Resultados e Discussões.

Com base nas ações realizadas, se observou dinâmica de grupo, atividades realizadas, e etc. Sobre a dinâmica de trabalho da Instituição Mãos de Ouro, anualmente abre-se inscrições para novas turmas do curso de libras para crianças com ou sem deficiência, de 06 a 12 anos. Cada turma é composta por 60 alunos e os mesmos são matriculados no contraturno escolar. As divulgações referentes ao processo de matrícula acontecem pelas plataformas virtuais (Facebook, Instagram, E-mails e outros).

Imagem 01: Anúncio das atividades dos cursos de LIBRAS.



A imagem contém a frase "Libras Brincando" escrita no topo em letras grandes e estilizadas, sugerindo um projeto ou curso relacionado à Língua Brasileira de Sinais (Libras) para crianças. Abaixo, há três seções visuais: À esquerda, uma foto de um grupo de crianças vestindo uniformes escolares, organizadas em fila e sorrindo, com a legenda "Mãozinhas de Ouro" acima delas. À direita, um mosaico de fotos menores mostrando crianças em uma sala de aula, praticando Libras. Elas estão interagindo com um professor e algumas imagens mostram atividades relacionadas ao aprendizado da língua de sinais. A legenda "Curso de LIBRAS Kids" está ao lado das fotos, indicando que as imagens retratam um curso de Libras para crianças. Na parte inferior, há um número de telefone para contato e o nome "Prof. Eluana", responsável pelo curso. A imagem como um todo parece ser um material de divulgação de um curso inclusivo para o

Fonte: o próprio autor.

Imagem 02: Anúncio das atividades dos cursos de LIBRAS para crianças



Fonte: o próprio autor.

Esta imagem é um anúncio colorido para um "Curso de LIBRAS para Crianças". Abaixo está a descrição detalhada: Título: "CURSO DE LIBRAS PARA CRIANÇAS" O título está no topo da imagem e usa letras grandes e coloridas. A palavra "CRIANÇAS" é especialmente destacada com diferentes cores para cada letra (azul, vermelho, amarelo, verde, rosa, roxo). Horários: Turmas de manhã: 8h às 11h. Turmas de tarde: 14h às 17h. Inscrições: Período: 22 a 30 de abril de 2019. Local: Rua Duque de Caxias Nº 2066 – Centro (Próximo à EMEF Miguel Bitar). Observação: "Vagas Limitadas!" aparece em um destaque amarelo no lado direito. Informações de Contato: Há um número de telefone para contato (91-99291-5886) destacado no rodapé. Imagens: No canto inferior direito, há uma imagem de mãos mostrando sinais em LIBRAS, com o nome do curso ou instituição escrito próximo a elas. No canto superior esquerdo, há uma foto mostrando crianças participando de uma atividade em grupo, provavelmente relacionada ao curso. As cores predominantes de fundo são azul claro, com detalhes em amarelo, branco e multicolorido no título.

Sobre as atividades realizadas, foram o projeto "LIBRAS PARA CRIANÇAS" atende anualmente crianças surdas e ouvintes, realizado no contraturno do aluno; o qual aborda temáticas que chamem a atenção das crianças atendidas; e dinâmicas como o uso das libras; aula expositiva/dialogada e prática; apresentação para a comunidade. **Imagem 03:** Libras para crianças



A imagem mostra um grupo de crianças sentadas no chão, focadas em alguma atividade. Em destaque, estão dois meninos: um com camiseta preta do Instituto Mãos de Ouro, que tem detalhes dourados nas costas, incluindo estrelas e o nome do instituto, e outro menino mais jovem ao seu lado, vestindo uma camiseta rosa. Ao fundo, outras crianças participam da mesma atividade. No canto inferior direito, há uma intérprete de Libras (Língua Brasileira de Sinais) em uma janela pequena, fazendo gestos,

Fonte: o próprio autor.

Imagem 04: Aulas de LIBRAS para crianças



A imagem mostra uma sala de aula cheia de crianças sentadas em carteiras de madeira, todas aparentemente atentas a um professor que está de costas para a câmera, conduzindo a aula. As crianças, que parecem estar participando ativamente, fazem gestos com as mãos, sugerindo que estão praticando Libras (Língua Brasileira de Sinais). Elas estão dispostas em fileiras e a sala tem uma decoração colorida com murais nas paredes, incluindo uma parede de blocos coloridos. Na parte superior direita da imagem, há um ícone indicando que o conteúdo pode estar relacionado à acessibilidade ou à comunicação inclusiva. A atmosfera da sala parece ser alegre e participativa, com um foco na interação entre o professor e os alunos.

Fonte: o próprio autor.

Com as execuções das ações no período de 2014 a 2022, o projeto conseguiu atender cerca de 960 crianças, com idade entre 04 a 12 anos. Todas com condições de interagir a comunidade surda. Sendo que alguns já atuam como tradutores e interpretes de libras em Breves e em outras cidades da mesorregião marajoara. Durante a realização dessas atividades, foi possível observar que as crianças se interessaram pelo o que estava sendo repassado, tiveram melhorias na busca por autonomia e melhorias no diálogo e interação com as demais crianças.

Isto nos remete a valorização de métodos de ensino que favoreçam o aluno surdo, como a Pedagogia Surda, por exemplo. De acordo com Silva (2012), a Pedagogia Surda é a pedagogia que atribui sentido aos saberes surdos e concebe o surdo como um ser cuja capacidade faz dele um leitor proficiente do mundo e das palavras. Tal pedagogia, baseia-se nas características próprias destes sujeitos, nas suas peculiaridades, evitando-se assim generalizações metodológicas e conceituais.

A Pedagogia Surda surge com a finalidade de traçar uma nova rota para a educação do surdo. Assim, ela constitui-se em uma referência que pretende atender de maneira satisfatória as especificidades culturais do surdo (Kalataí; Streiechen, 2012).

Na concepção de Silva (2012):

a pedagogia surda é uma nova perspectiva de educação bilíngue que evoca a língua de sinais e que surge a partir dos próprios surdos por meio de movimentos de resistência. É ainda, uma luta cultural contra um processo de dominação que visa à igualdade, a partir do padrão daqueles que se julgam como modelo a ser seguido. (Silva 2012, p. 267)

Dessa forma, a Pedagogia Surda desvencilha-se de parâmetros metodológicos tradicionais, homogêneos, abrindo espaço para a manifestação da diferença, sendo esta compreendida não como inferioridade, mas como as expressões das idiossincrasias dos sujeitos sociais, que constituem e legitimam as culturas destes.

Assim, durante a realização das atividades supracitadas, se percebeu que na Pedagogia Surda, a relação professor-aluno ocorre de maneira direta, pois neste caso a língua de sinais é utilizada por ambos, sendo um instrumento condutor de todo o processo pedagógico Silva (2012). Assim, na concepção de Vilhalva (2004), “alfabetizar alunos com culturas diferentes é um choque tanto para o professor ouvinte como para os alunos surdos, por não entenderem de imediato o complexo linguístico do outro”. (Vilhalva, 2004, p. 1)

Diante da constatação de que educação e conhecimento implicam em relações de poder, nos questionamos sobre as propostas pedagógicas ouvintistas inseridas na educação dos surdos, as quais têm o interesse de manter os surdos em lugares desfavorecidos, ou seja, à margem da sociedade, para que os mesmos não detenham conhecimento e questionem o modelo educacional ofertado a eles. Nesta ótica, as concepções pedagógicas inovadoras que primam pela manifestação da diferença, que oportunizam o empoderamento dos sujeitos, como é o caso da pedagogia visual, são pouco valorizadas no âmbito educacional.

Outros aspectos importantes observados durante as atividades realizadas neste projeto dizem respeito ao lúdico. Diante do que foi observado entre os surdos, percebemos que as artes visuais como o teatro e o trabalho com as artes plásticas não são comuns na escola. Assim, a escola mais uma vez, demonstra o seu desconhecimento sobre as peculiaridades dos surdos e de sua cultura. Tal desconhecimento, gera uma desconsideração das singularidades destes estudantes, bem como não estimula o caráter artístico, criativo e reflexivo destes.

Sobre a relevância das artes visuais para os surdos, Bataglin (2012, p. 7) afirma que:

[...] na arte eles encontram a satisfação para expressarem o que sentem, o que pensam, o que vivenciam. Suas produções artísticas visam mostrar um pouco sobre o ser surdo, sua história, sua língua, as emoções do surdo e tentar desvendar formas possíveis de entender a cultura surda. Suas manifestações também podem expor a história de luta e opressão que muitos surdos sofreram no passado e suas conquistas no decorrer desses anos. (Bataglin, 2012, p. 7)

Deste modo, as artes visuais se constituem em importantes instrumentos de expressão de sentimentos, ideias e pensamentos. Através delas os surdos manifestam suas histórias, convicções, conflitos e sua cultura. Desta maneira, a escola que os surdos frequentam como instituição que abriga várias culturas, especificamente a cultura surda, necessita incluir em seus projetos e atividades, desenvolvidas dentro e fora da sala de aula, as artes visuais, a fim de que os estudantes surdos sejam assistidos neste aspecto.

Com base em tudo que observamos durante as atividades, podemos dizer que a instituição escolar como instituição multicultural, deve acolher todas as culturas inseridas em seu contexto, e em se tratando dessa pesquisa especificamente a cultura surda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi norteada por concepções de culturas que compreendem a surdez do ponto de vista socioantropológico. Tal vertente desloca a ênfase no déficit sensorial dos surdos e valoriza os aspectos linguísticos, identitários e socioculturais destes, considerando a surdez como uma particularidade cultural.

Dessa maneira, os surdos são vistos como sujeitos culturais, que vivenciam a cultura surda, uma cultura rica em significados e peculiaridades, dentre essas a língua de sinais, um idioma próprio dos surdos, que é difundido nas comunidades surdas através do contato destes com seus pares linguísticos.

Assim, apesar da cultura surda ser uma cultura minoritária, inserida em uma cultura majoritária, a cultura ouvinte, não significa que aquela seja inferior

a esta. A cultura surda é singular, constituída por seus artefatos culturais que pertencem a comunidade surda e legitimam sua cultura, que é diferente da cultura ouvinte, pois simboliza um modo de entender, ser e interagir com o mundo que é próprio dos sujeitos surdos.

Nesta perspectiva, o presente estudo também analisou como o espaço escolar vem percebendo e considerando as diferentes culturas existentes em seu contexto, especificamente a cultura surda, e buscou contribuir no processo da positivação da identidade surda e na afirmação de suas especificidades culturais nas práticas educativas.

O artigo nos mostra a importância da identidade e cultura surda, o que os surdos querem é seus direitos respeitados, a diminuição de preconceitos, é ter sua voz ouvida na sua língua (LIBRAS), a comunidade surda quer a quebra de estereótipos que os taxam todos os dias, eles querem mostrar a sociedade a capacidade que eles têm, de estudar, trabalhar, se divertir como qualquer outra pessoa. E de fato a cultura surda veio ganhando esse espaço e fortalecendo sua comunidade.

Percebemos que a identidade surda corrobora a personalidade da pessoa surda, ao entrar na comunidade surda e definir sua identidade entende-se que o surdo já sabe onde quer chegar.

REFERÊNCIAS

BASTOS, T. **O contexto da sala de aula inclusiva e a educação da criança surda**. In: SÁ, N. R. L. de. (Org.). Surdos: qual escola? Manaus: Editora Valer e Edua, 2011.

BATAGLIN, M. **Experiência visual e arte: elementos constituidores de subjetividades surdas**. In: Seminário de pesquisa em educação da região sul, 9, 2012, Caxias do Sul. Anais... Caxias do Sul: AMPED, jul./ago. 2012.

BOURDIEU, P. **Escritos de Educação**. (Org): NOGUEIRA, M. A; CATANI, A. 15 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dez. 2005**. Presidência da república, Casa Civil, Brasília, DF, 22 de dez. 2005. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm.

Acesso em 05 jul. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GESSER, Audrei. **LIBRAS: Que língua é essa? : crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

KALATAI, P; STREIECHEN, E. M. **As principais metodologias utilizadas na educação dos surdos no Brasil**. In: III SEPED - Semana de Estudos do Curso de Pedagogia de Irati, 2012. Irati. Anais. Irati, 2012. Disponível em: <http://anais.unicentro.br/sepel/pdf/iiiv3n1/120.pdf>. Acesso em 05 jul. 2023.

LARAIA, R. de. B. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

LIMA, T.C.S de; Miotto, R.C.T. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica**. Katál, Florianópolis, v.10, spe, 2007.

MACEDO, N.D. de. **Iniciação à pesquisa bibliográfica: guia do estudante para a fundamentação do trabalho de pesquisa**. 2.ed. São Paulo: Loyola, 1994.

PÁDUA, E. M. M. de. **Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática**. Campinas, SP: Papyrus, 1997.

PERLIN, G. **O lugar da cultura surda**. In: THOMAS, A. da S.; LOPES, M. C. (Orgs.). *A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação*. Santa Cruz do Sul: EDUNISCISC, 2004.

QUADROS, Ronice Müller de. **O tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais e língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEESP, 2004.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ROSA, E. F. **Educação de surdos: entre a realidade e a utopia**. In: SÁ, N. R. L. de. (Org.). *Surdos: qual escola?* Manaus: Editora Valer e Edua, 2011.

ROSA, E. F. **Olhares sobre si: a busca pelo fortalecimento das identidades surdas**. Dissertação de Mestrado em Educação. Salvador: UFBA, 2009.

SÁ, N. R. L. de. **O discurso surdo: a escuta dos sinais**. In: SKLIAR, C. (Org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2005.

SANTANA, Ana Paula. **Surdez e linguagem: aspectos e implicações neurolinguísticas**. São Paulo: Plexus, 2007.

SANTOS, José Luiz dos, 1949- **0 que é cultura / José Luiz dos Santos**. São Paulo : Brasiliense, 2006. - - (Coleção primeiros passos; 110) 12ª reimpr. da 16ª ed. de 1996. ISBN 85-11-01110-2 1. Cultura 1. Título. II. Série 07-5249 CDD-306.4.

SILVA, S. G. de L. S. **Pedagogia surda e ensino da Língua Portuguesa para surdos**. In: PERLIN, G.; STUMPF, M. (Org.). Um olhar sobre nós surdos: leituras contemporâneas. Curitiba: CRV, 2012.

SILVA, T. T. da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 1999.

SIMPLÍCIO, V. **“Os surdos”: sujeitos de uma cultura própria num espaço multicultural?** In: IV Fórum Identidade e Alteridade: educação e relações etnicorraciais, 2010. Itabaiana, Se. Anais... Itabaiana, 2010. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/34876388/os-surdos-sujeitos-de-uma-cultura-proprianum>. Acesso em 05 jul. 2023.

SKLIAR, Carlos. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 5.ed. Porto Alegre: Mediação, 2011, p. 70.

STROBEL, karin. **A imagens do outro sobre a cultura surda**. 4. Ed. Santa Catarina: 2016.

VILHALVA, Shirley. **Pedagogia surda. Revista de Cultura Surda**. Editora Arara Azul, 2004. Disponível em: <http://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/artigo8.pdf>. Acesso em 05 jul. 2023.

Recebido em: 02 de outubro de 2024.
Aprovado em: 24 de novembro de 2024.
Publicado em: 30 de dezembro de 2024.

